

Boletim Agosto - Cenário Econômico

Agosto foi mais um mês interessante no cenário internacional. A performance positiva dos ativos de risco globais refletiram a postura menos conservadora do Fed (Federal Reserve System), que sinalizou um longo período de taxas de juros muito baixas.

O S&P500, um dos principais índices das bolsas americanas, subiu mais 7% em agosto, perfazendo uma alta de 36,5% nos últimos cinco meses e batendo o recorde positivo no ano mesmo em meio às incertezas da pandemia. Isso demonstra que os investidores estão buscando alternativas para fazer o seu dinheiro render num mundo com taxas de juros bem baixas.

Na Europa, a expectativa de recuperação econômica também foi positiva, com a aprovação de esforço fiscal conjunto entre os países europeus para o pós pandemia. No entanto, a situação da Covid-19 não está totalmente controlada e a possibilidade de novas ondas de contaminação pelo vírus devem ser monitoradas, trazendo incertezas para retomada da mobilidade e crescimento.

O Brasil não fez parte do *rally* global em função das incertezas sobre a trajetória futura da dívida pública. Ao contrário do que vem ocorrendo nos países desenvolvidos em geral, e nos EUA em particular, a curva de juros brasileira vem precificando uma elevação significativa de juros em um futuro próximo. A principal razão está na desconfiança dos agentes econômicos com relação à trajetória da dívida pública a partir de 2021.

Em virtude do estrago causado pela pandemia, o debate sobre o teto de gastos foi antecipado e constitui, por ora, a única âncora que garante alguma disciplina fiscal. Com a continuidade da produção de déficits primários, a dívida continuará crescendo e nada garante que as atuais baixas taxas de juros continuarão no atual nível. Nesse cenário, o dólar foi a moeda que mais se desvalorizou durante a crise da Covid-19. Para a manutenção da inflação sob controle, está claro para os governos e agentes políticos, que o controle da dívida é fundamental para a estabilidade da moeda.

A evolução da Covid-19 no mundo parece estar caminhando para um maior nível de controle e as segundas ondas bem mais amenas, contudo, a atividade econômica ainda combatida e recuperação mais lenta que o esperado, pode trazer volatilidade aos mercados.

Impacto na Previ-Siemens

A bolsa brasileira ficou para trás em função do crescimento do risco fiscal, que afetou o risco-país. O IBrX (índice da bolsa brasileira) caiu 3,4%. A renda fixa também se desvalorizou, principalmente em relação às NTNBS de longo prazo.

Com isso, os Perfis Moderado e Agressivo foram afetados negativamente, interrompendo a sequência de altas observadas nos últimos meses. Os investimentos no exterior amenizaram o impacto da bolsa local. O Perfil Conservador, apesar de não ter alocação em bolsa, sofreu o impacto dos papéis de renda fixa mais longos.